

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PRÁTICA CURRICULAR: IMAGEM E SOM II**

**FILIPÉ GATTINO NOGUEIRA
RICARDO ALBERTO MOREIRA DE MESQUITA
THIAGO DE OLIVEIRA AGUIAR**

**O IMPACTO DA 2ª GUERRA MUNDIAL
NA ILHA DE SANTA CATARINA**

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

**FILIFE GATTINO NOGUEIRA
RICARDO ALBERTO MOREIRA DE MESQUITA
THIAGO DE OLIVEIRA AGUIAR**

**O IMPACTO DA 2ª GUERRA MUNDIAL
NA ILHA DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentado ao curso de História, habilitação em Prática Curricular: Imagem e Som II, do Centro de Ciências da Educação FAED.

Coordenador Geral de Estágio:
Prof. Dra. Cristiani Bereta da Silva

Orientador(es):
Profa. Bárbara Giese
Prof. Rafael Rosa Hagemeyer

FLORIANÓPOLIS - SC

2010

RESUMO

Produção de audiovisual para os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola José do Valle Pereira sobre os impactos causados pela Segunda Guerra Mundial na Ilha de Santa Catarina e sua população, incluindo imagens atuais e fotografias da época de ocorrência do conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, impactos, Segunda Guerra, Ilha de Santa Catarina, conflito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 PESQUISA	6
2 ENSAIOS	7
2.1 Livro Didático e Texto Imagético: Reflexões Acerca de Duas Experiências.....	7
2.2 O Noticiário no Aprendizado Escolar	20
2.3 De Freire À Dewey E Marinho: Uma Reflexão sobre a Educação no Atual Estado Contemporâneo.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O grupo integrado pelos alunos Filipe Gattino, Thiago Oliveira, Ricardo de Mesquita e Mariane dos Santos promoveu a produção do audiovisual para a disciplina Imagem e Som II. O trabalho foi desenvolvido junto à turma da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola José do Valle Pereira, em Florianópolis, partindo da finalidade de verificar o impacto causado pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial na Ilha de Santa Catarina.

A PESQUISA

A principal tarefa da equipe de alunos da disciplina Imagem e Som II foi montar o audiovisual a partir de uma pesquisa promovida na Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina e com a proposta de despertar a curiosidade dos alunos para o tema e suas implicações na capital catarinense.

Com isso foram buscados em jornais da época acontecimentos que marcaram a população durante o período da Segunda Guerra, sem que fosse necessário mostrar detalhes do conflito que dessem conotação de violência de qualquer tipo.

Pelo contrário, o grupo queria despertar o interesse da classe a partir de informações recolhidas em farto material jornalístico que comenta situações que geraram curiosidade, angústias e medos, por estarem muito distantes do conflito.

Consideramos que o desafio deste trabalho era até demasiado para nós, estudantes, e os pormenores foram discutidos e reelaborados inúmeras vezes até se chegar a um consenso. Sabíamos que a guerra não alcançou a Ilha, mas queríamos mostrar que seus impactos chegaram até ela e sua população.

Os cuidados na elaboração do vídeo tiveram a preocupação de não fugir da proposta central, de incluir o maior número possível de lugares da Ilha na busca de informações a respeito dos efeitos da guerra e, principalmente, de construir um vídeo e texto que prendesse a atenção dos estudantes e os fizesse pensar e analisar a situação apresentada.

Apesar de não ter sido encontrada uma obra que abordasse o tema, consideramos que os jornais da época na Biblioteca Pública estão repletos de informações consistentes capazes de suprir a nossa expectativa. Poderão ainda auxiliar o professor interessado em abordar o assunto em sala de aula, embora para isso ele deva pesquisar mais aprofundadamente.

Na produção do vídeo utilizamos fotografias para retratar da melhor maneira possível as batalhas e a realidade do front e imagens da Fortaleza de São José da Ponta Grossa, pensando numa reconstituição a respeito de suposta ameaça à paz da cidade durante a Segunda Guerra, além de incluir um mapa da Ilha de Santa Catarina, para situar os alunos.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PRÁTICA CURRICULAR: IMAGEM E SOM II**

FILIPPE GATTINO NOGUEIRA

**LIVRO DIDÁTICO E TEXTO IMAGÉTICO: REFLEXÕES ACERCA DE
DUAS EXPERIÊNCIAS**

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

FILIFE GATTINO NOGUEIRA

**LIVRO DIDÁTICO E TEXTO IMAGÉTICO: REFLEXÕES ACERCA DE
DUAS EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentado ao curso de História, habilitação em Prática Curricular: Imagem e Som II, do Centro de Ciências da Educação FAED.

Coordenador Geral de Estágio:
Prof. Dra. Cristiani Bereta da Silva

Orientador(es):
Profa. Bárbara Giese
Prof. Rafael Rosa Hagemeyer

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

INTRODUÇÃO

O ensino de História, como disciplina escolar, tem como um dos principais discursos a formação crítica do cidadão. No entanto, na maioria das salas de aula este discurso ainda está distante da realidade. O que se percebe é uma reprodução de informações. Parte dessas informações sendo transmitidas para os alunos a partir do livro didático sem uma eficiente mediação do professor.

A disciplina de História somente será um instrumento de reflexão, se nós, futuros professores trabalharmos com este intuito. O professor precisa vivenciar a prática pedagógica e acumular experiência para fazer mudanças. Para que isso seja possível, é necessário repensarmos o material pedagógico que oferecemos aos nossos alunos, visto que a grande maioria das informações contidas nos livros didáticos não faz sentido para eles se não houver uma mediação adequada e planejada. Os textos e imagens dos livros didáticos muitas vezes não estabelecem relação com o presente vivido dos alunos e não correspondem às suas experiências cotidianas.

O meu objetivo neste ensaio não é colocar o livro didático como vilão do ensino de História. Muito pelo contrário. Gostaria de mostrar o quão contraditória é seu uso e como é possível transformar as supostas limitações de um livro didático em um material eficiente.

“O interesse que o livro didático tem despertado e as celeumas que provoca em encontros e debates demonstra que ele é um objeto de “múltiplas facetas” e possui uma natureza complexa”. (BITTENCOURT, 2008).

Para tratar o tema, vou apresentar uma experiência que tive como professor de História durante três anos em uma escola no interior do Rio Grande do Sul e confrontar com a experiência de produzir um áudio-visual para os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola José do Valle Pereira em Florianópolis/SC.

Uma experiência em sala de aula

No final do ano de 2006 fui convidado para trabalhar como professor de História da Escola Fundamental São José, no município de Barra do Ribeiro/RS. Estava há apenas um ano na graduação do curso de História e não tinha nenhuma experiência em sala de aula. Eu precisava compensar minha falta de experiência com muito estudo e organização. Participei

de algumas reuniões com as coordenadoras, assisti algumas aulas da professora que eu substituiria e estudei muito o livro didático adotado pela escola. Além disso, recebi outras cinco coleções de livros para usar como material de apoio.

Algumas semanas antes de começar o ano letivo de 2007, eu já havia feito um planejamento completo e detalhado de todas as aulas do primeiro trimestre para as turmas de 5ª a 8ª séries. Havia baseado meus planos de aula nos livros didáticos que a escola recebera das editoras. No ponto de vista do conteúdo, sentia-me completamente preparado para iniciar. Muito influenciado pelas disciplinas de pedagogia do curso de História, meu principal objetivo era dar uma aula dinâmica e não reproduzir as aulas que eu havia recebido quando era aluno do ensino fundamental. Eu queria algo diferente.

No primeiro dia de aula, fui apresentado para uma turma de 5ª série. De um lado, 32 alunos diante de um professor novo, do outro lado, um professor sem experiência, mas com uma vontade muito grande para inovar.

Logo no início, eu me beneficiava muito com as vantagens trazidas pelo livro didático adotado pela escola. Ainda mais por não ter a vivência necessária em sala de aula. O livro de uma certa forma me conduzia ao divulgar os textos com uma linguagem mais acessível. Também possibilitava a articulação de outras linguagens além da escrita. Porém, não demorou muito para eu perceber que todo o meu planejamento detalhado seria pouco aproveitado. Não adianta ter o conhecimento histórico sem saber como é que os alunos aprendem. Eu tinha a teoria da didática, no entanto não tinha vivenciado a prática. O professor precisa ter um amplo domínio dos conteúdos históricos além de conhecer os seus alunos para planejar uma boa aula. Foi neste momento que eu percebi o caráter contraditório do livro didático. Por trazer uma linguagem mais acessível ao público infantil ou juvenil, freqüentemente as questões mais complexas eram demasiadamente simplificadas. Com a finalidade de tornar o assunto mais fácil, os autores acabavam deixando os conteúdos sem sentido. A simplificação de questões complexas limita e não provoca a reflexão de conteúdos importantes. Eu tinha montado todo um planejamento sem “sentir” a realidade da sala de aula e da enorme quantidade de variáveis que ficam fora do alcance de quem não está em contato direto com os alunos. Eu tinha consciência que estava enfrentando um problema de comunicação com os alunos e o livro didático era o principal responsável por esta dificuldade inicial. Eu estava numa zona de conforto ao me guiar exclusivamente pelo livro, mas sabia que eu não estava fazendo nada diferente e inovador.

Um exemplo do problema enfrentado por mim estava relacionado ao conteúdo de História da 6ª série do Ensino Fundamental. De acordo com o currículo da escola, o conteúdo

compreendia um período muito extenso da História do Brasil. O livro iniciava na Independência e terminava com o Governo Lula. Além de quantidade enorme de informações, o livro trazia um conteúdo majoritariamente político e econômico, pouco atraente para os alunos. Para dar conta de um período tão longo da História do Brasil, o livro apresentava os capítulos de maneira muito fragmentada, sem uma transição coerente de um tema para o outro.

Através de algumas pesquisas, descobri que a maioria dos alunos que passavam para a 5ª série elegia a História como matéria favorita. No entanto, na 6ª série o interesse diminuía devido, possivelmente, a organização equivocada do livro.

Além desses problemas estruturais, eu particularmente não estava satisfeito com o meu desempenho. Os alunos recebiam as informações de forma passiva, sem intervenções. Não participavam das aulas e aceitavam tudo sem questionar. Definitivamente não era aquele modelo que eu gostaria de seguir. Não era daquela forma que pretendia estimular a formação crítica e a autonomia dos alunos. Não estava conseguindo manter uma comunicação adequada e sabia que o livro didático estava dificultando esta comunicação. No meu ponto de vista, o livro ficava entre o professor e os alunos. Ambos não conseguiam manter uma comunicação produtiva por não saberem como “aprender” as informações oferecidas pelo livro didático. Evidentemente que o problema não estava exclusivamente no livro, mas sim, na maneira como eu o entendia e o utilizava. Eu não poderia cobrar autonomia dos alunos se eu não estava sendo autônomo perante o livro didático.

“As práticas de leitura do livro didático não são idênticas e não obedecem necessariamente às regras impostas por autores e editores ou por instituições governamentais. Assim, mesmo considerando que o livro didático se caracteriza pelo texto impositivo e diretivo acompanhado de exercícios prescritivos, existem e existiram formas diversas de uso nas quais atuação do professor é fundamental”. (BITTENCOURT, 2008).

Ao longo do primeiro o ano, segui analisando os livros didáticos para encontrar uma alternativa de tornar as aulas mais produtivas. Durante as análises, percebi que alguns livros tinham sérios problemas. A grande maioria pecava na forma de comunicação com os leitores. Lembro-me que um livro de 5ª série trazia no capítulo sobre a escravidão o termo "trabalho compulsório". Além de usar um termo que não estabelece relação com o conceito, o autor não teve a preocupação de fazer um vocabulário para consulta.

Das coleções de livros didáticos que analisei, alguns possuíam bons textos, mas a parte gráfica não estava de acordo com os textos. Outras traziam bons mapas históricos e imagens interessantes, no entanto os textos eram demasiadamente superficiais.

Minha proposta para o meu segundo ano na escola foi montar uma apostila, reunindo os melhores elementos de cada livro pesquisado. Além disso, fazer uso do equipamento de áudio-visual adquirido no mesmo ano pela escola. Após algumas reuniões com a diretora e a coordenadora pedagógica, recebi autorização para executar o projeto.

Meu principal argumento para convencer o corpo diretivo da escola que uma mudança se fazia necessária foi sobre o problema de comunicação dentro da sala de aula. Não me referia a dificuldade de falar ou de ser compreendido pelos alunos. O meu problema estava no circuito de comunicação entre "professor - livro didático – aluno". Entendia que se eu produzisse o material didático a partir da coleta de sugestões dos próprios alunos seria infinitamente mais produtivo. Além disso, eu teria um conhecimento muito maior dos conteúdos e os alunos estudariam em um material que eles tiveram a possibilidade de participar da produção.

Ficou decidido que eu faria, a título de experiência, a apostila de uma série. Eu tive a liberdade para escolher aquela que necessitava de uma mudança urgente. Naquele momento escolhi produzir o material para a 6ª série por dois motivos principais: o primeiro é que realmente estava muito difícil trabalhar com os alunos a partir das temáticas propostas pelo livro didático adotado. Havia muitos problemas no vocabulário, com textos de abordagem exageradamente política. O outro motivo de escolher a 6ª série foi a tentativa de recuperar a motivação dos alunos pela disciplina de História. Era evidente a falta de interesse e a dificuldade que eles tinham na 6ª série, muito provavelmente causada por um planejamento falho.

“Não se deve, pois, considerar o livro didático como o grande vilão do ensino de História, até porque ele é apenas um dos elementos do processo de ensino-aprendizagem. O fato de ele ter um peso grande na definição dos conteúdos e até mesmo dos currículos e da preparação das aulas não deve ser interpretado como uma falha dele, mas sim de todo o sistema escolar”.(DAVIES, 1991).

Antes que começar a reunir material para a produção da apostila, montei um questionário para saber dos alunos como eles gostariam de aprender e o que eles não gostavam nas aulas. O mais interessante nesse processo de busca de informações para a

construção da apostila foi a forma como os alunos se posicionaram. Eles se sentiam valorizados por terem a chance de participar e estavam realmente preocupados com a melhora das aulas. A grande maioria pediu que os textos trabalhados em aula fossem também apresentados em forma de slides no Power Point ou em pequenos vídeos. A imagem e o som passaram a ser um instrumento constante no planejamento das minhas aulas.

A apostila não tinha nada de muito especial no ponto de vista gráfico. De uma certa forma era muito simples, sem grandes investimentos. No entanto, ela foi montada a partir de uma demanda e de um conhecimento prévio dos leitores que iriam usá-la. Cada texto escolhido tinha um objetivo. As imagens que utilizei foram na sua grande maioria charges dos jornais da época, as quais possibilitavam um bom trabalho de interpretação.

O que mais me encantou nesse trabalho foi aproveitar as questões pouco atraentes do período imperial e relacionar com questões do presente. Discutimos a maioridade de D. Pedro II juntamente com a opinião dos alunos sobre o voto aos 16 anos ou a possibilidade de tirar a carteira de motorista antes dos 18 anos. Tratamos a questão da mão-de-obra imigrante no oeste paulista relacionando com o trabalho em uma fábrica de calçados do município. Estudamos a formação partidária do século XIX no Brasil a partir da Câmara de Vereadores de Barra do Ribeiro. A tentativa foi de aproximar a tão distante história do império com questões relacionadas à vida cotidiana.

A maior desvantagem da apostila estava na parte gráfica. No entanto, esta necessidade foi suprida com a utilização sistemática do *data-show*. Cada capítulo trazia alguma apresentação no *power-point* ou algum vídeo para dar significados aos conteúdos lidos e explicados.

Não restam dúvidas que o livro didático é um instrumento pedagógico importante, mas precisa ser mais bem utilizado. O professor precisa estudar o livro e tentar explorar de forma mais adequada suas potencialidades. Muitas vezes o professor se preocupa em cumprir o programa e expõe a matéria exatamente como está no livro. Dessa forma, não consegue estabelecer uma boa comunicação com os alunos e explorar ao máximo o material disponível.

“São importantes essas colocações porque a educação está em crise. Crise esta que poderia resumida pelo fato de que muitos estudantes apresentam resistência à maneira como recebem o ensino na escola e pelo fato de que muitos professores não querem aprender outro modo de ensinar diferente do que sempre utilizaram. Por isso, aumenta a cada dia a distância entre o sentir e o pensar dos professores e alunos. Para transformar este círculo vicioso em um círculo virtuoso, penso que hoje, mas do

que nunca, o professor precisa revisar o que constituiu os fundamentos de sua prática e criar novas maneiras de conhecer e de relacionar-se com o conhecimento e com os aprendizes.” (HERNÁNDEZ, 2007, p.16)

Alguns livros didáticos dão espaço para a criatividade e incentivam o professor a produzir estratégias diferentes para suas aulas. Muitos livros que pesquisei trazem documentos históricos transcritos como leitura complementar, mapas históricos, imagens e atividades que não são de fixação de informações, mas de pesquisa, que incentivam o debate e motivam a busca de novos conteúdos. O professor que não está preso ao livro didático e que reconhece suas potencialidades tem condições de planejar aulas produtivas e estabelecer uma comunicação eficiente com seus alunos.

Uma experiência na produção de um áudio-visual

O objetivo das disciplinas de Imagem e Som I e II é capacitar o acadêmico a utilizar recursos visuais e auditivos como uma importante ferramenta pedagógica. O projeto foi desenvolvido junto à turma da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola José do Valle Pereira, sob a orientação dos professores Rafael Rosa Hagemeyer e Bárbara Giese. Nosso grupo foi integrado pelos alunos Filipe Gattino, Thiago Oliveira, Ricardo de Mesquita e Mariane dos Santos.

A proposta do grupo foi produzir um áudio-visual sobre a Segunda Guerra Mundial, porém nosso desejo era apresentar algo que fizesse sentido e que despertasse a curiosidade dos alunos. Gostaríamos de incentivar a busca autônoma por mais informações sobre a Segunda Guerra Mundial a partir de episódios ocorridos na cidade onde os alunos vivem. Não queríamos prender a atenção dos alunos a partir da violência que o conflito gerou, nossa ideia era motivar o interesse a partir das paisagens conhecidas por eles.

Foi um desafio um tanto quanto arriscado, pois nosso tema central foi descobrir o impacto da Segunda Guerra Mundial na Ilha de Santa Catarina. Um tema distante dos acontecimentos ocorridos na Europa e que não aparecem nos livros didáticos. O risco da ideia estava exatamente em deslocar a atenção para os acontecimentos que estavam ocorrendo em Florianópolis e mostrar como o conflito atingiu o cotidiano das pessoas.

Como não estávamos tratando sobre a Segunda Guerra Mundial de uma maneira geral, tínhamos que ter muito cuidado com a montagem do vídeo. Mesmo sabendo que não

ocorreram bombardeios, ataques aéreos e invasões inimigas em Florianópolis, nossa proposta foi mostrar que existia a sensação de insegurança e de medo na cidade. Para montar o vídeo, cada imagem e filmagem foram amplamente discutidas pelos integrantes do grupo para não causar um efeito diferente do desejado. Optamos pelo vídeo com formato de documentário com voz de perito, cujo apresentador percorre alguns lugares da ilha em busca de informações sobre os efeitos da guerra. A construção da narrativa do vídeo não podia ser fantasiosa, mas tinha que causar uma impressão de suspense para os alunos compreenderem qual foi o impacto da Segunda Guerra na Ilha de Santa Catarina.

Durante nossa pesquisa, não encontramos nenhum livro didático abordando a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. Para que os alunos tenham conhecimento do que ocorreu em Florianópolis nesse episódio é preciso que o professor pesquise e encontre em outros materiais elementos que complementem o conteúdo.

De acordo com José Manuel Morán (1995), a linguagem imagética está ligada a um contexto de lazer e entretenimento. Os recursos de imagem e som possibilitam uma mudança na rotina de sala de aula e o professor precisa aproveitar a expectativa positiva para tratar com os alunos os assuntos do planejamento pedagógico. O vídeo deve ser entendido pelos alunos como uma outra estratégia de ensino. Ele deve estar vinculado com o livro didático, no entanto, deve estabelecer novas pontes com o conteúdo estudado e novas perspectivas.

"Filmes e slides podem ser usados tanto para lançamento de matéria como para fixação. Nos dois casos, a projeção deve ser preparada e seguida de perguntas reflexivas para discussão em grupo. Nos casos de lançamento de matérias, de perguntas que repousem em contrastes e identidades com situações já vivenciadas ou conceitos aprendidos. Nos casos de fixação, perguntas que aprofundem o assunto que está sendo estudado".(NEVES, 1985, p.87).

No entanto, o professor precisa tomar cuidado com o uso das imagens em sala de aula. Não é simplesmente passar um "filminho" e pedir para que os alunos produzam um texto a respeito. O trabalho com imagens precisa ser muito bem planejado para que realmente tenha o efeito esperado.

De acordo com Rafael Hagemeyer, quando o historiador se dispõe a trabalhar não apenas no nível do texto, mas com linguagens visuais, a questão se torna ainda mais complexa.

“O problema não é novo: desde a invenção da imprensa, livros de história lançaram mão de gráficos, mapas e imagens figurativas para complementar o texto escrito – imagens auxiliares para estimular a imaginação do leitor.” (HAGEMEYER, 2009).

A questão que Hagemeyer alerta é com relação ao uso das imagens. Quando utilizamos imagens do passado, não apenas o fazemos com os conceitos históricos e as tecnologias visuais atuais, mas com as imagens que no passado foram produzidas para finalidades diferentes. Aquilo que foi produzido com finalidade de culto ou de recordação, nós transformamos em material didático. No entanto, Hagemeyer comenta sobre o nosso dever de refletir acerca das opções éticas e estéticas que estão envolvidas na escolha dessas imagens e em sua forma de apresentação.

“O que propomos como reflexão a respeito do uso de imagens pelo historiador, tanto em seu processo de análise como na exposição de suas conclusões, é estabelecer uma distinção clara das representações da imagem histórica em três tipos: aquelas que capturam o acontecimento no instante em que ocorre, aquelas que procuram reconstituir o passado através da combinação de diversos fragmentos de época e aquelas que representam um processo temporal e espacialmente mais amplo através do estabelecimento de uma leitura simbólica”. (HAGEMEYER, 2009).

No processo de produção do vídeo utilizamos inúmeras imagens que retratam o acontecido, principalmente quando utilizamos fotografias retratando as batalhas na Europa. Nosso objetivo era chegar o mais próximo da realidade no “frente” de guerra para introduzir o nosso tema principal.

Outra forma de representar o passado através de imagens e que também utilizamos no vídeo foram as filmagens na Fortaleza de São José da Ponta Grossa. Nosso objetivo era fazer uma reconstituição histórica da suposta ameaça que a Ilha de Santa Catarina sofreu durante a Segunda Guerra Mundial.

Por fim, como exemplo de imagem que traduz o processo histórico, utilizamos no vídeo um mapa da Ilha de Santa Catarina com a finalidade de mostrar para os alunos que o tema central do vídeo seria desenvolvido na cidade onde eles vivem. Esta imagem faria o deslocamento da representação da guerra na Europa para os efeitos da guerra na Ilha de Santa Catarina.

Considerações finais

Em ambas as experiências, o professor precisou ir além do livro didático para dominar o assunto. O professor não pode ter apenas o conhecimento do conteúdo, ele deve ter a habilidade de melhor se comunicar, de detectar o bloqueio e buscar alternativas para estabelecer uma comunicação eficiente.

É o professor que conduz e determina a forma de utilização do livro didático, não pode ser o contrário.

“Os usos que professores e alunos fazem do livro didático são variados e podem transformar esse veículo ideológico e fonte de lucro das editoras em instrumento de trabalho mais eficiente e adequado às necessidades de um ensino autônomo”. (BITTENCOURT, 2008).

O professor é o responsável por colocar o livro didático como um obstáculo ou como um apoio. O livro é apenas mais um elemento do processo de ensino-aprendizagem. O efeito real e a sua forma de comunicação com os alunos não está apenas no conteúdo, mas na maneira de explorá-lo.

Com o projeto de Imagem e Som foi possível perceber o quão importante é o trabalho com o texto imagético em sala de aula. Dominar as ferramentas de produção dos áudios-visuais deve ser habilidade dos professores que pretendem fazer diferente e fazer a diferença. Possibilitar para os alunos um material elaborado a partir de suas curiosidades e tendo a liberdade de usar a criatividade na produção do vídeo é uma experiência muito importante para a formação de professores.

Com professores preparados para fazer a mediação adequada, o ensino de História, como disciplina escolar, tem a possibilidade de reabilitar o discurso de formação crítica do cidadão.

BIBLIOGRAFIA:

BITTENCOURT, Cirne. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Cirne. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Baurú: EDUSC, 2004.

DAVIES, Nicholas. *O Livro Didático de História do Brasil: Ideologia Dominante ou Ideologias Contraditórias?* Niterói: Faculdade de Educação da UFF, 1991 (Dissertação de Mestrado em Educação).

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *Representar a História através de imagens: entre a reconstituição e a analogia*. In: II Encontro Nacional de Estudos de Imagem, 2009, Londrina.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: mediação, 2007.

LUCINI, Marizete. *Tempo, narrativa e ensino de História*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MORÁN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. Comunicação e Educação. ABR.1995. Acesso em 30/10/2010. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>.

NADAI, Elza, BITTENCOURT, Cirne Maria F. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In: PINSKI, Jaime (org) . *O ensino de história e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1992.

NEVES, Maria Aparecida Mamede. *Ensinando e aprendendo história*. São Paulo: EPU, 1995.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. *Livros didáticos de História: pesquisa, ensino e novas utilizações deste objeto cultural*. 19.FEV.2010. Acesso em 30/10/2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/margarida/didaticos.pdf>.

PINO, Angel. Imagem, mídia e significação. In: LENZI, Lúcia Helena Correa (org). *Imagem: intervenção e esquisa*. Florianópolis: Editora da UFSC, NUP/CED/UFSC, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Cirne. (org) . *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PRÁTICA CURRICULAR: IMAGEM E SOM II**

RICARDO ALBERTO MOREIRA DE MESQUITA

O NOTICIÁRIO NO APRENDIZADO ESCOLAR

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

RICARDO ALBERTO MOREIRA DE MESQUITA

O NOTICIÁRIO NO APRENDIZADO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentado ao curso de História, habilitação em Prática Curricular: Imagem e Som II, do Centro de Ciências da Educação FAED.

Coordenador Geral de Estágio:
Prof. Dra. Cristiani Bereta da Silva

Orientador(es):
Profa. Bárbara Giese
Prof. Rafael Rosa Hagemeyer

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

NOTÍCIAS E DOCUMENTOS

Notícias do passado e previsões futuroológicas descansam espremidas por entre as grossas capas dos volumes de encadernações de jornais diários na hemeroteca da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Não imaginava o que tinha por detrás daquelas páginas amareladas pelo tempo, algumas surradas pelo desleixo no manuseio e na manutenção – ao agente público pouco preocupa o passado. Não imaginava que encontraria um momento ímpar da história microrregional com relação direta com a Segunda Grande Guerra. E muito menos que poderia aprender com os recortes escolhidos para complementar a apresentação do trabalho em vídeo, produzido pela equipe e apresentado aos alunos da 8ª série da EBM José do Vale Pereira.

Na tentativa de fazer uma apresentação mais dinâmica, com a possibilidade de desenvolver um pensamento crítico, e trazer a questão-problema para junto dos alunos, a pesquisa por fontes impressas revelou-se bastante proveitosa.

Segundo Circe Maria Fernandes Bittencourt, o uso de documentos nas aulas de História justifica-se pelas contribuições que podem oferecer para o desenvolvimento do pensamento histórico. Uma delas é facilitar a compreensão do processo de produção do conhecimento dos vestígios do passado que se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. (Bittencourt, 2009 p333).

Documentos escritos ou impressos crescem em muito a possibilidade de interpretação dos fatos. Bittencourt nos lembra que “não raro encontramos documentos usados para fins pedagógicos em muitos livros didáticos”. (2009 p335).

Jornais são os principais reprodutores do cotidiano. Notícias de polícia, economia, política e sociedade impressa em sua páginas perpetuam os momentos narrados e à disposição no futuro do professor ou do pesquisador. Sugere Bittencourt:

As possibilidades de utilizar jornais como fonte histórica são múltiplas: a análise dos conteúdos das notícias [...], a forma pela qual são apresentadas as notícias, as propagandas, os anúncios, as fotografias [...] e de como esse conjunto de informações está distribuído nas diversas partes do jornal, entre outras. (Bittencourt, 2009 p333).

Mas o educador precisa estar consciente de onde foi produzida a notícia. A quem interessa? A que grupo político ou financeiro pertence este ou aquele veículo de

comunicação? A leitura do discurso jornalístico deve ser aberta e atenta. E outras atividades de leitura podem ser criadas dando suporte ao noticiário do jornal. A mídia impressa está sempre à disposição do professor ou pesquisador, seja em Arquivos – on-line ou físicos – Públicos, pessoais ou bibliotecas. Escolhido o tema, segue a determinação da abordagem que será dada ao objeto. Pois:

Sendo um meio de comunicação influente, o jornal tem sido analisado em seu papel de formador da opinião pública ligado a interesses variados e, como órgão da denominada “imprensa livre”, faz parte do jogo político e do poder. (Bittencourt, 2009 p333).

Alerta Bittencourt, “...o uso de fontes históricas – é preciso cuidado [...] precisam ser analisados de acordo com suas características de linguagem e especificidades de comunicação [veículo, público e objetivo]”. Continua a autora, “ao se fazer a análise de um documento transformado em material didático, deve-se levar em conta a articulação entre os métodos do historiador e os pedagógicos.” (Bittencourt, 2009 p331).

Para atingir os objetivos do aprendizado é preciso trabalhar com análises em sala de aula, discussões sobre o tema, debates ou leitura, para propiciar ao aluno que reflita sobre o tema abordado. Que fatos levaram ao acontecimento? Como outro grupo jornalístico produziria a notícia? Quais as repercussões dos fatos narrados? O professor precisa deixar de ser transmissor de ensinamentos e fazer parte do processo, que acontece quando professor e alunos criam e participam de atividades democráticas.

Do ler ao saber ler, fazer parte da pesquisa, achar as informações e interpretá-las com a ajuda de outros colegas tendo o professor como mediador.

O FOCO DA PESQUISA

O trabalho sobre a Segunda Grande Guerra estava focado nas percepções dos ilhéus sobre o desenrolar dos fatos. Interessava aos moradores da Capital e do Estado o comportamento da população de descendentes de alemães. Notícias sobre o aparecimento de submarinos nazistas na costa catarinense também eram motivo de conversas. A situação de guerra ficou próxima quando foi decretado o blackout na Ilha, bem como a criação de um grupo para organizar a defesa anti-áerea dos ilhéus. A busca por notícias que ilustrassem o vídeo a ser apresentado aos alunos atingiu seu objetivo.

Entre as páginas dos jornais *O Estado* e *A Gazeta* foram encontrados textos sobre a

perseguição dos descendentes de alemães no Estado, sobre a carestia com o desabastecimento e o afundamento de navios da Marinha Mercante Brasileira.

O PASSADO PRÓXIMO

Reflexões sobre o passado podem explicar inesperadamente o presente. Levar aos alunos artigos, notícias para análises em classe. Informações podem ou devem criar no aluno uma apropriação pessoal que certamente muito contribuirá para o entendimento das relações sociais. Entender o próximo carece de entender a si mesmo e principalmente saber que diferenças existem e que rótulos de melhor ou pior não constroem a sociedade.

Acredita-se que o estudo com fontes impressas pode suscitar várias oficinas. Mesmo questões polêmicas como: por que as pessoas se matam na guerra? – podem refletir uma visão da sociedade próxima. A interdisciplinaridade da notícia pode ser contextualizada com a Geografia, a Matemática e o Português.

Notícias distantes geograficamente, e não menos longe no tempo, esquecidas nas prateleiras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, podem ali permanecer à espera de educadores que as tragam para uma discussão em sala de aula. Conforme esclarece Bittencourt:

O uso de documentos nas aulas de História justifica-se pelas contribuições que podem oferecer para o desenvolvimento do pensamento histórico. Uma delas é facilitar a compreensão do processo de produção do conhecimento histórico pelo entendimento de que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. (Bittencourt, 2009 p331).

Com este trabalho pode-se trazer do passado o momento da Segunda Grande Guerra para a sala de aula. E mais, ensinar aos alunos que o passado nem sempre é um lugar distante, pode estar na biblioteca do colégio, na hemeroteca da Biblioteca Pública de Santa Catarina ou mesmo naquela pilha de revistas antigas no canto da sala, repleta de notícias de uma época.

BIBLIOGRAFIA:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamento e Métodos*. São Paulo: Cortez Editora, 2009, 3ª ed.

EMILIANO, Sílvia Regina. **O Gênero Notícia: Diagnóstico e Intervenção**. Artigo parte de uma pesquisa diagnóstica realizada na Universidade Estadual de Maringá, nos anos de 2004/2006 e apresenta como tema o ensino de gramática no curso de Letras/UEM.

FIORI, Neide Almeida. **Livro Didático: Reflexões Envolvendo Autoria, Conteúdo e Teoria**.

<http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007/EDUCACAO/Livro%20did%C3%A1tico.pdf> Acessado em 20 de novembro de 2010.

MALHEIRO, Arthur de Almeida. **A Construção da Nação nos Quadros de História do Século XIX: Uma Visão Pedagógica**.

<http://www.ppgartes.uerj.br/spa/spa3/anais/artur_malheiro_134_144.pdf> Acessado em 20 de novembro de 2010.

TEIXEIRA, Ilka Rezende Gonçalves. **Manchetes e Lides na Sala de Aula: uma Proposta Alternativa de Ensino de Leitura**. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pelo Curso de Mestrado em Linguística Aplicada do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté – 2006.

< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Prelo>> Acessado em 3 de novembro de 2010.

<http://www.revistatribuna.com.br/a_edicoes/revista_04_07/fotos/tribuna_linotipo.jpg> Acessado em 3 de novembro de 2010.

<<http://dediseno.files.wordpress.com/2008/01/linotipo-baja.jpg>> Acessado em 3 de novembro de 2010.

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/gue_a.php?t=001> Acessado em 5 de novembro de 2010.

<<http://www.fnpj.org.br/grupos.php?det=115>> Acessado em 5 de novembro de 2010.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PRÁTICA CURRICULAR: IMAGEM E SOM II**

THIAGO DE OLIVEIRA AGUIAR

**DE FREIRE À DEWEY E MARINHO: UMA REFLEXÃO SOBRE A
EDUCAÇÃO NO ATUAL ESTADO CONTEMPORÂNEO**

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

THIAGO DE OLIVEIRA AGUIAR

**DE FREIRE À DEWEY E MARINHO: UMA REFLEXÃO SOBRE A
EDUCAÇÃO NO ATUAL ESTADO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentado ao curso de História, habilitação em Prática Curricular: Imagem e Som II, do Centro de Ciências da Educação FAED.

Coordenador Geral de Estágio:
Prof. Dra. Cristiani Bereta da Silva

Orientador(es):
Profa. Bárbara Giese
Prof. Rafael Rosa Hagemeyer

FLORIANÓPOLIS – SC

2010

INTRODUÇÃO

Começo este ensaio, fazendo a apresentação da maneira de como cheguei ao assunto que tento fazer uma reflexão. O foco deste ensaio é justamente fruto de um improviso e de uma discussão política a qual presenciei acerca da ferramenta Orkut. Para isso usei como fonte o vídeo de um artista chamado “Eduardo Marinho”. Qual o foco do artista e qual a sua relação com o tema educação? Eduardo Marinho morador da cidade do Rio de Janeiro faz críticas não só a sociedade por meio de palavras, e sim através de suas obras de arte através de um blog que ele coordena chamado, “Observar e absorver”. Em meio ao discurso do artista, foco em algumas palavras de sua breve fala. Pretendo aprofundar a discussão, não tendo o intuito de ter algum tipo de conclusão, objetivando somente mais o levantamento de indagações e inquietações. Ao mesmo tempo em que apresento as idéias de Marinho, colocarei em diálogo com as idéias de Paulo Freire e John Dewey, tentando elucidar alguns conceitos para o relativo sucesso não do educador, e sim do educando. Ensinar um jovem engajado e comprometido com os estudos, não há algum tipo de problema, porém, tentar aproximar o aluno com aquilo que está distante de seu meio social traz maiores transtornos, o que muitas vezes não é feito com êxito pelo professor, acaba afastando o aluno do meio educacional ainda que esteja presente fisicamente. Este aluno distante por sua vez, faz seus questionamentos críticos, colocando em dúvida inclusive seus educadores, sobre o papel da educação em meio aos antagonismos sociais.

MEIOS ANTAGÔNICOS

A educação atual é vista pela sociedade em sua maioria, como um estágio para se chegar ao Ensino Superior. Esta visão não seria problemática se fosse tratada como prioritária pela massa. Obviamente sabemos que a Educação está além de vestibulares. Ser um ser sociável é ter a capacidade de refletir, tanto coletivamente como individualmente. Educar é possibilitar este ato de reflexão, educar é possibilitar o caminho para chegar nesse estágio de ser questionador. O rumo da atual educação hoje, explica-se pela sociedade em que vivemos. Seguindo novamente a opinião comum, constantemente expressada, sobretudo em programas de TV, jornais e rádios, coloca-se a competição como “motor” da sociedade.

Eduardo Marinho levanta o primeiro questionamento: “Quem é que disse que a vida é uma competição?”, e eu rebato, se a vida não é uma competição, o que ela é? Não estou discordando do artista, mas a idéia de que a vida não é essa competição, coloca um vazio nos

objetivos pessoais do ser humano, sendo assim, a vida se torna uma contínua inércia, sem obstáculos a serem ultrapassados. Considerando então a ótica popular, o capitalismo dá sentido à vida humana, por mais cruel que isso possa parecer. Não seria utópico pensar em uma sociedade em clima colaborativo? Onde uns ajudariam aos outros, por simplesmente querer fazer o “bem”? Por mais que o ser humano tenha a necessidade de viver em sociedade, vejo esta interação humana, como forma de garantir algumas necessidades, que conseqüentemente dê a idéia de um curso da vida com menos obstáculos. Pensando este convívio capitalista, onde o jogo de interesse é constante, podemos colocar esse clima de competição em qualquer setor de nossas vidas, seja ela no meio educacional, esportivo, empregatício, etc. Partindo do pressuposto do senso comum social, que a vida é uma competição, pode-se colocar a questão educacional como ponto de partida para a discussão. Qual seria o propósito ou o sentido da educação no atual momento em que vivemos, além da priorização do vestibular? Para esclarecer o propósito da Educação nesse momento, é necessário analisar aquele que faz a mediação entre o aluno e o que está em sua volta, refiro-me ao educador. Há a necessidade de reconhecer dois tipos de profissionais: aqueles que têm o objetivo de fazer a ruptura com o que atualmente não lhe agrada e os que estão no magistério ou em outra profissão, seja qual for, pensando somente em seu bem individual. Esta comparação entre estes dois tipos de profissionais fica mais esclarecida com o exemplo tirado da arte. Eduardo Marinho faz uma reflexão do que supostamente para ele seria o artista de função, ou seja, aquele que se sente tendo um papel social. Cito um breve trecho relatado pelo artista:

“Arte é função, artista de decoração pra mim é um artista falho, é um artista fútil, vazio... ele tem sensibilidade e não olha pro mundo em volta, ele não se solidariza com sofrimento da maioria, ele quer fazer parte da elite...” (XX)

E onde entra a educação em tudo isso? Pensar a educação é pensar o educador como tendo uma função na sociedade. Recentemente no Estágio de uma disciplina que se chama “Imagem e Som”, pude ter o contato com alunos de oitava série. O projeto feito para eles se chamava “O Impacto da Segunda Guerra Mundial na Ilha de Santa Catarina”. Trabalhar este tipo de conteúdo segue as exigências feitas pelo MEC com seus “Parâmetros Curriculares Nacionais”, onde o 4º ciclo (7º e 8º série) constrói os conceitos de “nação e “cidadania”. Estes tipos de conteúdo, por envolverem conceitos complicados de serem entendidos, geralmente são vistos numa ótica factual, através de Guerras e Revoluções, reforçando a escola decoreba.

O resultado do projeto “O Impacto da Segunda Guerra Mundial na Ilha de Santa

Catarina” tem obviamente sua importância, porém, o foco principal analisado, é na importância de uma disciplina voltada para além da faculdade, ou seja, finalmente o meio acadêmico servindo de alguma forma para aquilo que é primordial nos cursos de licenciatura, a antecipação do contato no campo de estágio com os alunos. Este tipo de contato que me foi proporcionado, e esta idéia de trabalhar visando o ensino para determinado grupo, tinha por trás um grande desafio e ponto chave, a relação do aluno com o conteúdo a ser apresentado. Aqui entra o papel do professor inovador. Com uma mídia diferente da habitual, e com a aproximação do conteúdo com o aluno, neste caso a Ilha de Santa Catarina na Segunda Guerra, os alunos se sentiram não somente mais próximos, e sim como parte do que foi apresentado. Resultado este que pode ser comprovado após a apresentação do vídeo, com alunos dando depoimento, e a própria façanha, segundo a professora, de conseguir silenciar a sala e fazer com que a maioria prestasse atenção. Aproximar e mediar o aluno com seu meio social, através de questões e problemas é a nova função do educador, propósito alcançado com o projeto já citado. Entretanto, nem sempre se consegue o êxito nas atividades escolares, e às vezes não é por falta de tentativa do professor. Um dos fatores que levam os professores a fracassar, é o meio social. Quer dizer então que o projeto do qual participei, por ter resultados satisfatórios, conseqüentemente conseguimos vencer o atual sistema e estamos com a fórmula perfeita da educação? Obviamente que não, até porque não houve a continuidade do projeto, para realmente avaliar o futuro impacto deste tipo de trabalho. Entretanto, foi satisfatória a relação interesse dos alunos, mesmo com o pouco tempo de contato, o que nos faz repensar a educação no Estado contemporâneo. O atual Estado é um grande empecilho para educação, há locais que ultrapassam estas barreiras impostas, já outras esbarram no atual sistema vigente.

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* cita:

“Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à “fereza” da ética do mercado.” (FREIRE, 2007, p. 128)

A educação atual é vista por uma parcela da sociedade como um serviço prestado aos de maior condição financeira, àqueles que não têm uma condição econômica confortável são obrigados a apelar a um Estado cada vez mais distante da educação, não só pelo fato da privatização da educação, e sim por repassar esse monopólio ao empresariado. Fernando

Hernández deixa essa situação bem visível em seu livro “Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional”:

“Os alunos e as famílias são clientes, e o Estado, cada vez mais desvalorizado em suas responsabilidades, deve fornecer os recursos mínimos para que a população seja atendida.” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 12)

Já Jurandir Freire apresenta argumentos para buscar uma melhora no atual sistema educacional, onde a idéia de ética se une com a solidariedade, porém em uma sociedade brasileira pensar ética, foge um pouco a realidade em que vivemos. Jurandir Freire faz uma breve análise no que se tornou parte da sociedade brasileira, reafirmando a idéia de que a educação vive num antagonismo:

“A rede de atendimento aos “famintos de felicidade” tornou-se um negócio rendoso, e os usuários, para mantê-la, exigem mais exploração dos que já são superexplorados.” (J. FREIRE, 2001, p. 86)

Os famintos de felicidade, citado por Jurandir Freire, é uma referência a elite brasileira, que em meio a todo o sistema, busca meios para uma satisfação individual. Felicidade esta que tenta ser expressa, se relacionada com a idéia de bem material, analisando pelo ponto de vista Capitalista.

Fazendo uma síntese das idéias de Fernando Hernández e Jurandir Freire, pode-se ter uma maior compreensão dos empecilhos sociais que dificultam a educação no Brasil. De um lado um Estado ausente para os que precisam e de outro uma elite individualista que não sabe ao certo que rumo tomar para satisfazer seu eu, sem se dar conta que ela tem sua relevância e papel na sociedade.

Todavia, Marinho parte de uma idéia parecida com J. Freire, onde a elite social brasileira, não sabe ao certo o que é necessário para a sua realização. Entretanto, a questão principal, não é a “procura da felicidade” que essa suposta elite busca, e sim, o que essas posições e atitudes afetam nos desfavorecidos. Uma sociedade desigual, individualista, egocêntrica e competitiva, entra em conflito com aquilo que deveria ser um ambiente favorável a educação. A idéia de um ambiente escolar se forma em cima da solidariedade e a socialização do próprio ambiente escolar com o meio social, desde que seja de proveito para ambos meios sociais. Como ter solidariedade, com essa geração “Droga, sexo e credit card”, como bem citou J. Freire? Como estabelecer uma relação entre o ambiente escolar com uma sociedade que é seu antagonismo?

As mudanças destes ambientes estão interrelacionados, mudar as características da atual sociedade, só é possível com apoio e incentivo da educação, porém, a postura do educador deve ser inquieta, evitando os comodismos. Há as diferenças entre o discurso e o fazer, porém, usar o discurso não é estar fazendo? Só o ato de plantar a semente já não é válido? Um dos argumentos que temos como convicção é a ruptura com o atual momento vivido, tanto pela sociedade como pela educação. Não querer fazer uma ruptura com uma sociedade que vive em meio a guerra, seja ela no trânsito ou no tráfico de drogas, é ser comodista e individualista, pois obviamente, estes fatos ainda não afetaram este indivíduo de caráter apenas figurativo. Os fatos que não condizem com uma sociedade que supomos ser melhor que a atual, estão cada vez mais visíveis e comuns aos nossos olhos. Com todas as armadilhas sociais, que postura o professor deve ter? Segundo Paulo Freire:

“Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: miséria na fartura.” (FREIRE, 2007, p. 102-103)

Podemos lembrar grosseiramente, o conceito de “Socialismo Burguês”, colocado por Marx no “Manifesto Comunista”, onde medidas paliativas da burguesia servem para controle do proletariado. Seriam os projetos sociais, como bolsa família, bolsa escola ou outros programas sociais, políticas meramente assistencialistas? Seria esse tipo de política o incentivador da “miséria na fartura”? A questão é: esse tipo de política preserva a elite, que continua sem um opositor intelectual, já que a grande maioria, o proletariado do século XXI, preocupa-se com o que ter de comer. Em terra, onde a prioridade é pensar no prato de cada dia, a escola acaba tendo por função, dar a merenda de cada dia. O que a escola conseguir a mais destes abandonados pelo Estado, é lucro.

Pensando do ponto de vista que a idéia de direito está atrelado à condição social. Obviamente, estamos em um país que uma minoria possui esses tais direitos civis. A condição social selecionando quem deve ou não ter o direito a “melhor” educação, deixa de fora a grande maioria proletária que precisa da mesma. Uma espécie de cadeia alimentar determinada pelo discurso político, define quem tem mais ou menos direitos civis. Então fica a pergunta, como modificar os resultados pífios da educação brasileira em meio a toda essa sociedade displicente quanto ao assunto educação? O educador deve usar esses aspectos negativos da sociedade não só analisando, e sim colocando em contato com os aprendizes, pois não há didática melhor, que o contato direto com aquilo que se julga “certo” ou “errado”.

Segundo o filósofo e pedagogo John Dewey, referência de Marcus Vinícius da Cunha:

“Só se consegue mentalidade social dedicando-se os homens à atividade conjunta, na qual o uso de materiais e utensílios, por parte de uma pessoa, se relaciona conscientemente com o uso que outras pessoas fazem de suas aptidões e recursos.” (CUNHA, 1999, p. 41)

A idéia aqui colocada por Marcus Vinícius da Cunha, especialista nos estudos de John Dewey, é a educação sendo feita através de interações com a sociedade, ação está que deve ser experimentada coletivamente. Partindo dessa idéia de Dewey, a sociedade pode ser positivamente influenciada pelo meio educacional, tendo assim alunos, preparados para modificar a sociedade tão criticada pelo artista Eduardo Marinho. Além de colocar o aluno em contato direto com a sociedade, o professor deve estimular situações que tenham problemas reais, sendo o aluno responsável por buscar resoluções para resolver determinados problemas, lembrando que essas situações devem ser resolvidas em grupo, pois somente assim se foge da individualidade e se cria uma idéia de sociedade menos competitiva, desconstruindo o pensamento do senso comum. Infelizmente esta prática pedagógica indicada por Dewey, faltou no estágio de “Imagem e Som”. Não houve um estímulo a discussão entre os alunos, impossibilitando a construção de novas idéias, aqui por falta de tempo. A proposta com este projeto era oferecer um material didático, logo, o projeto por si só, de alguma forma era incompleto, pois não possibilitava a interação com os alunos, entretanto, não tira às várias possibilidades de construir conhecimento de diversas formas com o material oferecido.

CONCLUSÃO

Eduardo Marinho, John Dewey e Paulo Freire, têm em comum a ânsia não por somente por uma educação melhor, e sim por uma sociedade que tenha uma democracia mais justa, que dê condições mais próximas de igualdade entre os que compõem a sociedade. Parafrazeando a frase de um acadêmico no qual tive o prazer de conhecer, este citou:

“A educação não salva, nunca salvou, nem nunca salvará.” (Lucas Neves Stangler)

É essa descrença vinda de pessoas com um intelecto invejável, que acaba criando uma desconfiança maior quanto às possibilidades de mudança que a educação pode proporcionar.

A questão é: há motivos concretos para tanto desespero perante a educação? Se existe estes motivos, como fazer a mudança? Com Marinho, Dewey e Freire, fica visível que uma das maneiras de moldar uma sociedade melhor é através da educação e a sua interrelação com a sociedade, o que nos últimos duzentos anos com o atual regime, tem se tornado cada vez mais complicado.

Bibliografia

FREIRE, P., **Pedagogia da autonomia**. Editora Paz e terra, 2009.

CUNHA, M. V., John Dewey: **Uma filosofia para educadores em sala de aula**. Editora Vozes, 1999.

MARINHO, E., <http://www.youtube.com/watch?v=NMn_1rQ3sms>

COSTA, F. J., **A Ética Democrática e seus Inimigos**. In: Roitman, A. (Org.) – Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

Parâmetros Curriculares Nacionais: História/ Secretária de educação Fundamental. – Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação do audiovisual em sala de aula teve uma excelente recepção por parte da professora e dos estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola José do Valle Pereira.

A expectativa da equipe que realizou o trabalho era de que a iniciativa fosse interessante e uma curiosidade para eles. Mas, mais do que isso, foi uma surpresa para os acadêmicos da disciplina Imagem e Som II o interesse demonstrado.

O silêncio absoluto que reinou em sala de aula comprovou que o tema e a forma de apresentação foram interessantes e prenderam a atenção de todos.

Ao final, a equipe sugeriu que fizessem perguntas sobre o trabalho e estas foram muitas e respondidas pela professora e pelos acadêmicos.

O trabalho foi além de produzir o efeito pretendido. Superou as expectativas da equipe, confirmando que nem só o livro didático pode ser usado em sala de aula para um bom aprendizado.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Cirne. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Cirne. (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Baurú: EDUSC, 2004.

DAVIES, Nicholas. **O Livro Didático de História do Brasil: Ideologia Dominante ou Ideologias Contraditórias?** Niterói: Faculdade de Educação da UFF, 1991 (Dissertação de Mestrado em Educação).

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **Representar a História através de imagens: entre a reconstituição e a analogia**. In: II Encontro Nacional de Estudos de Imagem, 2009, Londrina.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: mediação, 2007.

LUCINI, Marizete. **Tempo, narrativa e ensino de História**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MORÁN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação e Educação. ABR.1995. Acesso em 30/10/2010. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>

NADAI, Elza, BITTENCOURT, Cirne Maria F. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In: PINSKI, Jaime (org) . **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1992.

NEVES, Maria Aparecida Mamede. **Ensinando e aprendendo história**. São Paulo: EPU, 1995.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. **Livros didáticos de História: pesquisa, ensino e novas utilizações deste objeto cultural**. 19.FEV.2010. Acesso em 30/10/2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/margarida/didaticos.pdf>>

PINO, Angel. Imagem, mídia e significação. In: LENZI, Lúcia Helena Correa (org). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: Editora da UFSC, NUP/CED/UFSC, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Cirne. (org) . *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.